

A IMPRENSA.

ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL

No dia 14 de outubro de 1885 o espoléta **Raimundo de Arca Leão**, que por 49 horas conspurcou a cadeira presidencial desta provincia, demittiu, em menos de cinco horas, cento e tantos empregados liberaes entre os quaes muitos vitalicios! Horror!!! No dia 11 de Novembro do mesmo anno o desbragado **Manoel José de Moraes Prado**, calcando aos pés a Res. n. 1062 de 15 de Junho de 1882, removeo forçadamente quatro professores de instrução primaria!!!

A «IMPRESA», publicação semanal. Assignatura por anno 10\$000 reis, por semestre 5\$000 reis. Publicações de interesse particular—conforme o ajuste devendo virem os autographos responsabilizados, sem o que não serão publicados: do mesmo modo as correspondencias isentas de pagamento.

ANNO XXI

THERESINA.—SABADO 27 DE MARÇO DE 1886.

NUMERO 910

A IMPRESA.

THERESINA, 26 DE MARÇO DE 1886.

A «Epoca» e o actual presidente.

E' um empenho supinamente inglorio, o de justificar os innumerados desatinos do governo conservador nesta provincia. Ou o periodico official zomba do publico legente ou julga-o atacado de profunda myopia intellectual.

Qualquer espirito desabusado, isento de prejuizos partidarios, ao saber como se operou a mutação da politica piauhyense, lastimará a sorte deste infeliz recanto do Brazil. Só isto fóra bastante para justificar a nossa forte reacção ao descabro que todos presenciámos.

Mas não fica ahí. Os factos abusivos reproduzem-se interminavelmente. Cada numero do jornal opposicionista é um libello irrefutavel contra o governo actual e os seus dignos agentes locais. De todos os pontos da provincia surgem repetidas queixas contra os desmandos da situação.

Pois bem: depois de tudo isto, a «Epoca» em seu ultimo numero apenas vê nas nossas accusações a *confissão implicita da calma e tranquillidade que reinam por toda a parte, a confiança que inspira o actual governo, o seu espirito ordeiro*, etc., etc.; por que limitamos a repisar os mesmos factos já arguidos e já explicados. Eis ahí realmente uma argumentação curiosa.

Condemnamos os factos criminosos e immoraes do governo; uma vez que este nenhuma providencia toma, corre-nos o dever de trazel-os sem cessar á arena da discussão. E' assim que temos procedido e continuaremos a proceder.

Oxalá, porem, que esse tivesse sido até hoje o nosso unico papel: que os homeus do poder, após desabafarem-se esphacelando tudo e calcando aos pés os principios mais salutarés da politica e moral administrativa, não ousasse mais dar-nos materia para novas e gravissimas censuras. Nesse caso, a nossa missão já estaria finda, porquanto no actual dominio dos conservadores, é-nos impossivel remediar ao que já está feito. Não obstante, nós continuamos a manter a nossa attitudo reactiva, mesmo porque batalhamos mais em ordem a prevenir o futuro do que a reparar os males já consumados.

Basta lançar os olhos sobre a «Imprensa» de hoje para reconhecer que não nos limitamos a repisar os mesmos factos já arguidos e explicados. Os factos succedem-se constantemente sempre revestidos do cunho desordeiro e despotico que caracteriza a acção governamental dos Prados e congéneres.

Defendendo o celeberrimo delegado de policia das Barras, diz o organo do governo:

«A grita da «Imprensa» e dos liberaes das Barras explica-se perfeitamente por duas outras causas, que não sejam o arbitrio e abuso de poder por parte daquella autoridade.

«A primeira é a creença em que estavam de que elles, liberaes, foram feitos para mandar, do mesmo modo que nós outros, conservadores, para obedecer.

A segunda é o espirito irrequieto e turbulento dos liberaes das Barras....» Com certeza isto não é serio.

Desde o dia em que fóra nomeado o fazanhudo Queiroz até hoje, temos verberado energicamente esse acto arbitrario e criminoso do governo. Temos mostrado, até á evidencia, por meio de factos, a incapacidade d'aquelle energameno para o desempenho do honroso cargo que actualmente exerce. Em face das nossas arguições, um presidente honesto e zeloso da sua elevada função publica ver-se-ia na urgente necessidade de reparar o erro commetido ou de defender-se cabalmente.

Ao envez d'isso, respondem-nos com phrases só proprias para encher tiras de papel.

Na polemica, temos por habito attribuir ao nosso contendor a sinceridade e convicção de que nos achamos possuidos.

E' um principio de boa dialectica, aceito por todos os espiritos imparciaes que lutam em prol da verdade. No entanto, ante os dislates da folha official, somos forçados a exigir lhe um pouco de sinceridade no modo de formular as suas argumentações. Exigimos simplesmente uma condição indispensavel á elucidação das questões que tivermos de descurtir d'ora avante.

O actual presidente julgado por seus actos.

O governo do sr. Prado continua desassombadamente pela mesma invia estrada criminosa, profundamente segregada das normas da moral administrativa. S. exc., espirito acanhado, animo fraco, não relucta contra as suggestões malignas dos seus desalmados mentores e cegamente assigna e faz quanto querem esses que reduzem s. exc. ao triste papel de automato, responsavel por todos os desmandos que temos presenciado. A s. exc. não repugna papel algum.

No pleito eleitoral que acaba de ser ferido s. exc. com verdadeiro desceio atirou-se em campo cabalando pela impopularidade do dr. Coelho Rodrigues, cuja candidatura, embora postergando todos os principios, salvou a troco da sua reputação. Removendo professores primarios inamoviveis; mandando empregados liberaes em commissão; prendendo eleitores liberaes; fazendo pressão no exercito, no funcionalismo, s. exc. não teve mãos a medir na fúria com que pleiteava a cauza perdida do celebre dr. Coelho Rodrigues. Ffinda a eleição s. exc., pequenino em pequeninas vinganças, continua na senda immoralissima que havia trilhado, ja quando os interesses do seo patrão, não punhão mais em jogo os interesses da justiça e a lei.

Um acto de s. exc., que degarreatypa negramente a exiguidade dos seus sentimentos e os estímulos honestos do seo coração, vem lançar uma nedaça negra no negro quadro das suas tristissimas correrias administrativas: a negação da licença requerida pelo nosso illustre amigo dr. Fumino de Souza Martins, juiz de direito da Parnaíba. S. exc., novel em alheias e callejadas mãos, não se pejou de negar uma prorrogação de licença á um adversario doente; á um cavalleiro distincto que, quando governo, nunca trepidou nas mais cruas lutas nem ferio traiçoeiramente ao adversario, atopardado na irresponsabilidade do cargo. S. exc. teve o pueril dislate de declarar que não prorrogava a licença do nosso illustre amigo porque elle fóra á Picos cabalar contra o dr. Coelho Rodrigues! S. exc., realmente, não tem noção alguma do que seja honroso, porque preferir semelhante disparate, a pretexto da razão, é ser imbecil ou supinamente curto, mais do que parece ser.

Por outros actos anteriores, que não podem contestados, s. exc. tem-se revelado no alto gráo sem o menor escrupulo. Por exemplo s. exc. não teve o menor vexame em declarar oficialmente que o ex-juiz municipal de Jacóes Lindoro Augusto de Moraes Rgo. transporte da capital do Ceará para Jacóes com a família. Ora, semelhante affirmativa é radicalmente falsa.

O dr. Lindoro nunca levou sua família Ceará, onde foi por motivo de molestia e de vollen antes de nomeado. No Maranhão o Lindoro soube do fallecimento, em Oeiras, de seu pai e da sua nomeação. Como, portanto s. exc. tem a coragem de marcar 618\$000 de custo ao dr. Lindoro, pretextando a viagem deste com a familia para Jacóes?

S. exc., de certo, se foi iludido na sua simplicidade, deve juntar o florão dessa falsidade que ja engrinaldão a sua pequenissima braga. No seo triste e acanhado governo não estes e outros factos caracteristicos da paralytia mental.

De réos confessos s. exc., na sua vertigem empregados publicos.

Fez Queiroz delegado das Barras; fez Cí Portella collecter de Valença; fez o collecter delegado de Piracuruca; fez o promotor de J. menha, de Jacóes e das Barras; e, finalmente do sr. Joaquim Reis vaqueiro de uma das fazendas nacionaes, elle que tornou-se celebre des tempo em que, agente do correio de Oeiras, maranhou-se em torpissima questão, da qual até hoje, ainda não livrou-se. De um homem notoriamente maculado faz s. exc. vaqueiro, isto é, um dos convivas desse que se regañão fartamente actuaes habitantes da *cova de Caxias* ou apizes de gatinhas, porque são essas fazendas como disse o dr. Coelho de Ffende, uma cova de fazer ladrões!! Pois bem; sabendo que fazendas formão ladrões, s. exc. não escrupulou na escolha dos felizardos que tiverão matricula na aula regia, da qual é superintendente!

S. Exc. parece até favorecer essas tendencias escolares. No Auarante, para satisfazer o amigo descontente, permittiu que fosse alugado por quantia demasiadamente superior a seu valor, um prelio para servir de cadeia, com prejuizo dos cofres provinciaes, cujas areas estão innes graças á bonhomia dos felizes que a magnanimidade official enriquece e favorece com os nheiros publicos.

Sophocles disse: E' impossivel conhecer a ma, o caracter e o pensamento de um homem antes de tel-o visto exercer o poder e applicar leis por muito tempo. A alma, o pensamento e o caracter de s. exc. ahí estão estampados nos actos da sua administração e na applicação que t feito das leis patrias.

Pondo o alto cargo de que está revestido á serviço de um grupo de homens inclementes, baldos de escrupulos, s. exc. manja as leis como o cheiro as redeas das cavallos, segundo a vontade do patrão que paga-lhe a corrida.

Em nome de uma solidariedade ferrenhamente jesuitica e a pretexto de salvar das urnas o s perlativamente jurisculto dr. Coelho Rodrigues, s. exc. saltou por cima de tudo; calcou os pés a moralidade publica, com a impavidez de um bonzo ou com a indifferença de um fanatico brahanico. Do alto destas columnas, em termos seramente energicos, porem profundamente verdadeiros, temos, desde que s. exc. iniciou a sua malfadada administração, retardando a sua parada de Caxias, dando tempo ao infeliz testa de ferro para decepar as cabeças liberaes, verber corajosamente os erros, desmandos e prevarições do seo governo, sem recuar um passo, pões na brecha ao alcance dos sabujos officiaes.

A nossa missão tem sido esta e, com pesar dizemos, s. exc. ainda não praticou um acto que se revelasse melhor ou maior do que é. A sua repulsa para com o governo de s. exc. é acto meritório e natural, filha da repugnancia e nos causão tantas aberrações administrativas.

Não devemos transigir com o erro, diz Labe Labe; se não o abatermos, elle nos devorará. O primeiro dever de um cidadão é combater o erro. Que importa a derreta de um dia? muitas vezes essa batalha perdida que faz a victoria do porvir.

Nos aleita, no meio dos nossos revezes, a esperança dessa victoria factura. Cumprimos, e frentando o poder tyrannico de um burlesco ces de archabde, o nosso grande dever de cidadãos livres. Em quanto o poder prevarica, viola as leis, nós registramos todos os seus crimes em nome da lei e da moral conspurcada. Os arreganhos dos sabujos officiaes não nos averto. A honra da patria sobretudo. Por ella que batalhamos.

Dois arcos plenos, um sustentando o côro, outro abrindo a capella—mor, dão grande brilho ao interior do templo.»

Esta gigantesca obra será definitivamente concluída em maio proximo vindouro, quando o banemerito da provincia, Rev.^m Fr. Serafim de Catania, pretende retirar-se para o seu convento em Pernambuco.

Superior aos soffrimentos physicos produzidos por grave enfermidade e ás torturas moraes oriundas da calumnia e baixas intrigas, vivendo em uma humilde

Insistindo, porém, ella em seu pedido, apezar de minha relutancia, mandei ouvir a menor se levava a bem tal casamento. Sua resposta foi affirmativa. Em vista do que escrevi a Ideltrudes em Julho de 1884, dizendo-lhe que seu pedido seria satisfeito; não com a prestesa que pretendia, mas em o mez de Agosto do anno seguinte.

Assim concordado, succedeo que tendo tido eu um dissabor, justo ou injusto, com o vigario desta freguesia, vi-me obrigado a dizer-lhe que d'aquella hora em diante renunciava todo e qualquer sacrificio que fosse preciso ser feito por a mim e minha familia; e communi- esse occorrido a Ideltrudes, disse-lhe que seu casamento ficaria adiado para o fim do anno d'aquella, quando aguardo aqui a chegada de meu padrinho do Amarante, em cuja occasião laria baptisar duas filhinhas que pagás.

sofrego e imprudente noivo, recebeu a minha communicação partio em mente para minha casa, passando grande volta pela a de Ignacio Lopes se deteve tres dias. Relevo dizer antes de Ideltrudes entender-se go, chegou-me em casa a criola e a commensal de Ignacio e abia como era do costume.

ois dias depois appareceu-me Ideltrudes instando pelo casamento que não queria mais delonga; respondi-lhe que accetava imposição, e sustentava o lhe havia mandado dizer. Elle não sabe estar certo que não obtinha o consentimento para antes de Novembro, todavia demorou-se em minha casa dois dias, dois companheiros seus de viagem trazia, e eu os conservava em minha casa em boa fé e sem receiar que Ignacio e Ideltrudes me quizessem fazer alguma; e assim innocente como eu, notei no final do 2.º dia da estada, recommendar, com instancia a segurança e vigilancia os cavallos, que dantes nunca fizera.

Fiquei alerta, por que conheci que se tramava uma traição, e chamando parte a criola ja referida, indaguei-lhe com minunciosidade a sua vinda alites de me apparecer Ideltrudes, quizgar a principio, dizendo-me que era estume della uma vez por outra vir em sua casa. Instando, porém, eu e res-nabilizando-a por qualquer traição e me fosse feita, fiel e liberalmente confessou que tinha vindo a mandado de meu compadre Ignacio Lopes e a pedido de Ideltrudes, com promessa de paga, ra ella e sua parceira Ludgêa, escrava e fôra d'aquella, seduzirem a Maria Joaquina para sahir n'aquella noite com te e que a seduzida já estava prompta, disposta para sahir, só esperando o momento que pedesse fazel-o; que a capa e chapéo della já estava em uma caixa dentro do curral e que ella ia escal-a para mostrar; como de facto assim succedeo.

Incontinentemente despedi Ideltrudes, seus companheiros e as duas seductoras as 10 horas da noite; voltando todos para a casa de Ignacio a contar-lhe o occorrido.

Despeitado este de ver frustrado seu anno, enfureceu-se e protestou nessa occasião que Ideltrudes casaria sempre com Maria Joaquina, porque isso lhe havia pedido um seu amigo, a quem jamais faltara. A perda menor não tendo podido conseguir d'aquella vez o que em outra vez foi tão facil, fingindo-se arrependida e avergonhada dizia com quem conversava que jamais casaria com Ideltrudes, por que a fez passar por semelhante vergonha e, para melhor illudir, pediu nesse sentido ao sr. Pedro Velloso que se achava na minha casa lecionando 1.ª lettras a meus filhos, que fizesse uma carta a elle dizendo que se esquecesse de seu nome

(della) e fesse illudir a outra da laia del-le para com ella casar (cuja carta Ignacio não quiz publicar como fez com as outras), e devolvendo as ninharias que havia delle recebido; e sendo satisfeita por Velloso que lha entregou não querendo assignar a seu rigo; pelo que pediu ella a meu sobrinho Melchades que a assignasse e elle assim o fez.

Seguiu Ideltrudes para Oeiras da casa de Ignacio e este poucos dias depois pro-palara e mandara propalar que Ideltrudes estava de casamento contractado n'aquella cidade e ja de banhos corridos. Mentira! Era, como foi, para me apanhar despercebido, como me apanhou, e fazer seguro seu assalto em Maria Joaquina; e vindo elle de uma eleição a que fora em Valença o anno p. passado, lá munindo-se de foguetes e bebidas retirou-se sobre a madrugada com os do seu quilate que a acompanharão, e veio ter aqui pelas 5 horas da manhã; e demorando-se em uma casa vizinha a minha, certamente dando tempo a que minhas portas fossem abertas para dar fuga a Maria Joaquina, e retirando-se foi esparrar por esta ha poucos passos de minha casa, e montando-a na garupa do cavallo de Julião José Dantas, fez sua jornada, soltando foguetes pela estrada com uma diabolica orgia; e passando em casa de sua respeitavel sogra, esta senhora exproubou-o com vehemencia o triste papel que ia representando sendo um pai de familia, de raptar uma menor para um liberto.

Eis fielmente, exposto o que se passou com relação ao rapto de Maria Joaquina; o qual nenhuma relação tendo com politica, como vê o publico, meu malevol-aggressor jactou-se que em quanto foi liberal, este partido deo-lhe o titulo de importante e distincto; que o fizera vereador, juiz de paz e capitão da guarda nacional, &; e porque não quiz mais o acompanhar, de repente perdeu todo merito e todo prestimo.

Ora! Ora! pretenderá o sr. Ignacio com essas futilidades lavar a nodosa inde-level que gravou em sua farda de capitão? Jámais conseguirá. Sobre ter eu expellido de minha casa, como disse s. s., a meu mano, compadre e amigo João Baptista de Carvalho, assim como a empurrões a nossa commum parenta D. Anna Rosa, com a carta infra d'aquella meu mano vos respondo plena e satisfatoriamente.

O que avança-te a dizer, infame, com relação a minha querida e estremosa mãe, já fallecida, só com urca mão de ferro vos responderia á contento. Canalha! respeitae ao menos no vosso habito de mentir a vida dos mortos.

E que testemunho offerreceo sr. Ignacio? O de um meu inimigo como disse.

Nunca disse a pessoa alguma que havia emprestado a meu digno amigo dr. João Gabriel, a quantia de cinco contos de reis que nunca tive em caixa; por tanto é falso, é calumnia conforme provo com a carta do major João Ignacio, cujo testemunho deste; o que sei acerca de dinheiro, sr. Ignacio, é que s. s. em dias do anno de 1884 foi a villa dos Picos desta provincia, onde mora sua mana, viuva do fallecido capitão Querino e a ella tomou por emprestimo, a titulo de juro, aquella quantia, para pagar-lhe quando Deos fosse servido; cujo dinheiro em sua volta descansando em casa de meu cunhado Agostinho José Ferreira Barbosa, onde se achavão algumas pessoas, entre as quaes Alipio Barbosa e, apresentando s. s. um embrulho de papel que trazia em sua maca, perguntou-lhes quanto poderia ter em dinheiro n'aquello embrulho. Responderão-lhe que podia ter tres contos de reis; e s. s. com ar de ricaco disse—quasi que avalião direito, pois tem cinco contos de reis. Di-reito, sr. Ignacio, terião elles avaliado se

lhe dissessem—tem, não sabemos quanto, uma somma que s. s. illaqueando a boa fé de sua mana, tomou a titulo de premio em manifesto prejuizo d'ella e de seus tenros filhinhos. Trabalha o tólo, para o sabido enriquecer. Não é assim?

Cheguei aos birbantes, sr. Ignacio, e como s. s. não nos dissesse quem são elles, ouça, veja dizer-lhe: O supremum dos birbantes é s. s. que, morando no municipio de Oeiras e não podendo mais ali estar, por suas torpesas e maledicencia, fugio pressuroso para este termo onde actualmente reside, por arte de berliques e berloques, especulando com a ineptia de Jorge da—Fazenda nova, Romualdo Rabello de Sepulveda, Pedro Bandeira, da «Sambahiba», e queijandos. O verdadeiro e legitimo birbante é s. s., que tendo recebido de um partido politico grande somma de apreço e distincção, desertou delle ou elle o expellio e veio aggregar-se a politica contraria que nenhuma consideração lhe tem prestado nem lhe prestará, certa de que s. s. provou com sua metamorphose e desersão quanto é pessimo, desconhecido e ingrato. Oh suisso!

Quando deixares, pela segunda vez, o partido conservador onde por hora estaes engajado, voltarás para o liberal que tanta consideração vos despensou ou ireis engajar-vos aos historicos? E' bom experimentar todos e tudo. E' ainda s. s. que, abusando da boa fé e confiança de uma sr.ª septuagenaria, cega e que vive em continuo estado de morbosidade, comprou a ella fiado no começo do anno proximo passado, por 80\$000 reis a metade de uma formidavel roça de legumes, da qual teve uma boa colheita n'aquelle anno, e melhor ainda terá este, visto a immensidade de mandiocas e algodão que tem, e até esta longa data, sr. Ignacio, dinheiro...; e não obstante o grande lucro que fruiu d'essa compra, o estado morbozo d'aquella sr.ª, e sobretudo a difficuldade e sacrificio com que lotou, para derrubar, cercar e plantar aquella roça. Trabalha, repito, o feio para o bonito comer. Que diz?

E' ainda birbante s. s. que, em certo tempo, passando carta de liberdade a sua escrava cancerosa de nome Ludgera, dias depois arrependendo-se de a ter passado, exige da libertada a referida carta, sob pena de azorrague; o que não pôde conseguir porque Ludgera vendeu-se assim ameaçada e preferindo antes o castigo do que voltar a escravidão, não lhe a entregou; e deixando incontinente e a socapa a companhia de seu ex-senhor, valeo-se de um seu parceiro que a fosse deixar em Valença onde queria manumittir sua liberdade, pondo em notas a carta referida, como de facto assim succedeo.

E' finalmente ainda s. s. birbante andaz e sobremodo insolente, porque afoutouse acompanhado de capangas, ir tomar a força na estrada uma respeitavel e digna senhora com quem queria casar, contra a expressa e formal negação della; o que conseguiu, pela energia e coragem com que foi repellido pe'a mesma senhora e seu tio major Francisco Braz Dantas, em companhia de quem ia a passeio. E' mentira;

Disse s. s. que eu era entrigado com varios parentes e só mencionou o nome de um—o capitão Francisco Raimundo Soares de Carvalho. Este somente, sr. Ignacio faz o numero de varios como s. s. disse, não se lembrando que s. s. é quem o é com todos ou quasi todos os que morão no termo de Oeiras, onde por essa razão não pôde mais morar? Disse mais s. s. que sou conhecido por José mentira. As minhas mentiras, sr. Ignacio Lopes, como as que vos estou disendo, são comprovadas com documentos como verás abaixo desta; ao passo que

s. s. diz a verdade sem proval-a, certo de que a mentira muitas vezes repetida traz o manto da verdade.

Sr. Ignacio Lopes, nessa cara cor de bronze, nua de vergonha e despida de pudor não assoma a cor do pejo!

Jalófa! marchai na vossa larga e anfractuosa estrada guiado pela infamia, que eu tranquilo seguirei a minha estreira e recta vereda.

Oriente 22 de Fevereiro de 1886. José Raimundo de Carvalho.

DOCUMENTOS

Illm. sr. tenente coronel José Raimundo de Carvalho.—Vi no jornal «Epoca» uma accusação que o sr. capitão Ignacio Ferreira Lopes faz a v. s., e entre muitas outras cousas elle diz que uma carta que Maria Joaquina fizera a Edeltrudes Barboza desfazendo o casamento que com elle tinha contratado, havia sido mandada por v. s. sem conhecimento della.

Tendo sido eu que fiz a carta em questão, venho com esta restabelecer a verdade adulterada, e dou-lhe permissão para fazer della o uso que lhe parecer. Em começo de setembro pouco mais ou menos me veio essa moça pedir para fazer aquella carta, remetendo um corte de vestido e alguns outros objectos que seu então noivo lhe havia feito presente, e pedindo-lhe que a riscasse de sua lembrança em virtude delle ter sahido dizendo que ella por elle estava desvirginada levado do despeito d'ella não a ter acompanhado no rapto que elle tentou na noite de 29 de julho passado. Eu, a sz pois a isso não tinha razão de me negar, e o sobrinho de v. s. o sr. Melchades que por ella assignou-a, pode confirmar o que acabo de dizer. Si hoje v. s. é accusado por isso felicemente eu ainda existo para fazer reaparecer a verdade, e si Maria Joaquina negou esse facto para ser elle attribuido a v. s. é em recompensa da educação que lhe deo e de ter-lhe salvado a vida, a honra e tudo o mais com seus cuidados recebendo-a em sua casa na secca de 1877 e tratado-a como sua filha até o dia em que abandonou-lhe a casa e fez-se o moavel de perseguição de seus inimigos. Como devo s.—De v. s.—Am.º cr.º f.º e obrig.º—Pedro Cezar da Costa Velloso.

Oriente 17 de fevereiro de 1886.—Prendo mano compadre e amigo.—Venho pedir-lhe o favor de responder-me ao pé desta se algum dia eu o expeli de nossa casa, quando ella pertencia a nós, ou se alguma outra vez desse lugar um tal acontecimento, assim como se tambem teve lugar impuri-das dadas por mim em nossa tia d. Anna Rosa.—Sirva-se tambem dizer-me se temos sido sempre estreitas relações de amizade; e consinta que de sua resposta faça o uso que me convier.—Como sabe sou seu mano compadre amigo creado.—José Raimundo de Carvalho.

Mano compadre amigo José Raimundo de Carvalho.—Respondendo sua carta dando-lhe permissão para uzar de minha resposta como lhe parecer. Ao primeiro ponto negativa e negativamente. Ao segundo que tendo sido criado por aquella nossa tia e morando quasi em casa com ella e sendo encarregado de seus serviços absolutamente ignoro um tal acontecimento. Ao terceiro que a maior prova de nossas relações é que somos compadre duas vezes e lamento que quem quer que sejá para accusar sirva se de meu nome sabendo o parentesco que nos liga e os laços de amizade que nos prendem.—Como devo sou seu irmão compadre e amigo.—A rogo de João Baptista de Carvalho, Manoel Pereira Genuino.—Testemunhas.—Pedro Cezar da Costa Velloso.—Melchades Antão Ferreira Lopes.

Meu tio e amigo tenente-coronel José Raimundo.—Oriente 10 de fevereiro de 1886.—Venho cumprir um dever o qual não obstante ainda eu ser orphão, todavia a idade de 48 annos que já tenho a isso me impõe, constrangido-me porem ver-me na contingencia de uma questão entre um que é meu tio e tutor, e outro que é meu primo legitimo e padrasto: porem como este a isso me arrastou venho restabelecer a verdade do que sei e fui testemunha occular.

Em dias ainda de agosto ou em começo de setembro do anno p. p., eu que achava-me bastante doente, veio ao pé de minha rede uma moça que vnc. criava pedir-me para fazer uma carta a Edeltrudes Ferreira Barboza com quem estava de casamento justo desfazendo este, por que elle tendo vindo rapta-la e ella não o querendo acompanhar (segundo disse a velha Eufemia mensageira de Edeltrudes, mandada por aquelle meu primo), elle sahira dizendo que a havia desvirginado, levado de despeito por isso, assim como restituindo um corte de vestido e outros objectos que elle lhe havia feito presente, e eu não podendo escrever disse-lhe que fosse pedir no sr. Pedro Velloso que lizesse que eu assignaria a seu rogo. De facto elle fez e eu assignei, tudo isso sem conhecimento algum de vnc.

Hoje vnc. é accusado nos jornaes e em papel publico como mandante fazer aquella carta, e eu que estou apar do facto venho com esta lavrando um protesto contra isso restabelecer como já disse a verdade.

Se meu primo, o capitão Ignacio Lopes, se recordasse de seu passado com relação a uma pessoa da qual me é mais cara sobre a terra (minha irmã) a tanto não se arrojaria em uma questão da qual estou tão apar, mas elle suppondo que os mais se esquecerão não trepida em trazer factos como este a publicidade.—Pode vnc. desta fazer o uso que lhe convier.—Seu sobrinho amigo cr.º.—Melchades Antão Ferreira Lopes.

Illm. sr. tenente-coronel José Raimundo de Carvalho.—Recebi sua carta de 13 deste corrente mez e como me compri mádo responder; no dia 19 de agosto, indo a casa de v. s. a um negocio e ja sabendo que minha sobrinha Maria Joaquina da Conceição não se casava mais com Edeltrudes Ferreira Barboza, e ahy saindo minha sobrinha a saudar-me e perguntei a ella por que não casava com Edeltrudes—respondeu-me por que não queria, nada mais e pode dispor da minha resposta o uze que lhe convier, e sou com estima.—De v. s. primo amigo e obr. criado.—Arogo de Severino Camello da Silva.—Antonio Rodrigues de Oliveira.

Oriente 10 de Fevereiro de 1886.—Illm. Compadre sr. major Francisco Braz Dantas.—Peço-lhe que responda-me ao pé desta com o cunho da verdade com que costuma fallar, o que lhe pergunto:—O que se deo entre v. s. e o sr. capitão Ignacio Ferreira Lopes na occasião em que indo com sua familia passar em casa de visinhos com relação a tomada de sua tutelada minha parenta D. Anna Luiza Dantas com quem aquelle capitão queria casar-se, mencionando o anno e o lugar em que foi agredido pelo referido Ignacio que queria a força de armas, acompanhado de capangas, conduzir a dita nossa parenta: assim como responderá tambem se depois desse procedimento de Ignacio Lopes este deitou fogo em uma sua roça, fazendo minunciosa a narração desse facto: e se Ignacio quando d'ahi sahio infelizmente para aqui se estava bem relacionado e em harmonia com os nossos e delle parentes e visinhos; concedendo-me usar de sua resposta como me convier. Sou com estima.—De v. s.—Comp.º am.º cr.º obr.º.—José Raimundo de Carvalho.

Presado Parente Compadre e Amigo José Raimundo de Carvalho.—Respondendo a carta tenho a declarar-lhe que em junho de 1879 indo eu com minha familia a passeio no sitio «Guaribas», chegando em caminho sahio-me e encontro o capitão Ignacio Lopes, com porção de homens armados com o fim de a força tomar-me a minha sobrinha e tutelada D. Anna Luiza, que de nada sabia e nada sabia, e nem queria com elle casar-se, e não podendo por em pratica seu frivolo projecto abrio mãos da referida pretensão, e voltando com poucos dias alguns aggregados do mesmo capitão Ignacio puzerão-me fogo em uma roça denominada «Saquinho», que em juizo obrigou-se a restituí-la. Quanto a relações com os nossos e delle parentes e visinhos—mais ou menos tinha com uns e outros não. Pode fazer de minha resposta o uso que lhe convier. Sou—Dev. s.—compadre am.º obr.º cr.º.—Francisco Bran Dantas.

Illm. am.º sr. tenente coronel José Raimundo.—Alto Bello 19 de Fevereiro de 1886.—Respondendo sua carta de 16 do corrente, tenho a dizer-lhe que nunca levei conversação com o dr. João Gabriel Baptista, sobre o assumpto a que se refere o artigo do sr. capitão Ignacio Ferreira Lopes, publicado no jornal «Epoca» de 23 de janeiro proximo passado; e lamento que tenham se servido do meu nome para lhe fazerem accusações como a que vi estampada no referido jornal «Epoca». Estimo que com a exm.º familia passem com saude, a quem comprimento. Disponha de meu fraco prestimo por ser—De v. s.—Patr.º am.º obr.º e cr.º.—João Ignacio de Jesus Madeira.

Apparecida.

Meo caro Luisinho—Acabo de ver na «Epoca» n.º 371 de 27 de setembro do anno passado, uma correspondencia acerca desta amena e pitoresca povoação como chistosamente chamou o apparecidense da Epoca.

E' uma grande pena que este não seja poeta, tente cantal-a em seus versos como Byron; ou seja musico e trate de a immortalisar em suas harmonias como Donisetti; ou pintor e a retrate em seus quadros como Veroneso; ou escriptor e a aprecie em seus livros como Taine; ou orador e a pinte, cinzele e cante em escriptos incomparaveis, como Castellar. Por assim dizer, esta nova Veneza é que é, o impossivel dos impossiveis, a realidade das phantasias, a verosimilhança das cousas inverosimeis, uma povoação mysteriosa, sem semelhante e só semelhante a si, na sua posição topographica, na sua fundação, na sua historia, nos seus monumentos.

Formada como Venus da espuma das aguas, e como ella coroada pelo diadema de Iris, estendeo o seu manto azul recamado de prata sobre as aguas do riacho Esfolado, distante meia legua.

Lugar assim, não ha igual em todo o universo quanto mais na provincia do Maranhão, como tambem disse o apparecidense.

Mas tu sabes, meo caro Luisinho, nem sempre a fama é a expressão da verdade.

Não posso acabar comigo que me cale. Não posso. Por mais que esteja prevenido e disposto para ouvir todos os desperates deste tempo, como o de tornal-a afamada, sente-se a gente tomar de um assombro e de uma indignação que por força hade dizer alguma cousa. Que edificação tem aqui? Casas levantadas sem forquilhas sobre paredes de adobes de terra sem consistencia alguma.—embuçadas e rebocadas de barro, verdadeiras mumias, que seus donos esperão passar algumas dellas á provincia por bons cobres para serventia de casa de cadeia, tamara & c, pois como deve saber do berreiro que tem levantado os magnates da terra que na proxima reunião da assembléa provincial esta povoação hade infalivelmente passar a villa!!

Preparemo-nos, pois, para ver mais esse escandalo. Quanto á Igreja, sabes tambem o estado della, uma grande fenda parte o seu frontispicio, a qual não obstante estar-se sempre a calafetar com barro e pedra continua a abrir-se pelo que não tardará a cair. No dia 2 de Outubro ultimo, fomos tomados de grande susto; uma dessas casas que ainda não estava acabada e que lhe davão o especioso nome de sobrado, achatou-se em cima de um velho de nome Manoel Ferreira, que aqui veio com a sua mulher em romaria: quando menos esperava vio-se elle sepultado debaixo do montão de aréa dessa casa que como já te disse, desmoronou-se, escapando milagrosamente a mulher do referido velho, que em tal occasião se achava em outro compartimento da mesma casa. O povo acco-dando logo ao lugar do acontecimento, pode ainda salvá-lo, saindo apenas o paciente com huma das pernas fracturada! Assim esteve por muitos dias e sem poder voltar para o lugar de sua residencia na ribeira do Piahy, foi para ali conduzido em huma rede, por parentes que vierão buscal-o. Bem podia esse velho dizer referindo-se aquella casa o que disse Garrett no seu inimitavel livro das viagens referindo-se a Santarém: Ergue-te esqueleto da morte, levanta a tua fouce, sacode os vermes que te poluem, esmaga os reptis que te corroem as osgas torpes que te habão, as lagartixas peçonhentas que passeião. Aqui não ha agua franca para beber-se, apenas algumas cacimbas em quintaes cercados sem entrada livre para os moradores; o romeiro que não quer estar com a cara coberta de poeira debaixo de uma latada de palhas de bority, paga um aluguel fabuloso por dois, tres ou mais dias por um rancho coberto de telha durante a rennião do povo—a que chamão festa.

Finalmente é terra que o pobre viandante compra linguica cheia de ossos e jarretes! Assim tudo mais. Sei que esta minha franqueza me custará uma boa doze de descompostura. Mas o que fazer? O que se quer humilhar e não quer humilhar-se, nem permite que o humilhem, é um vil egoista sem sentimentos de caridade nem aspirações generosas. N'elle não ha merito, não ha virtude, não ha nobreza de sentir que o torna digno aos olhos de Deus, recommendavel no coneito dos homens. E' este o caracter do orgulhoso.

Por isso, quando ouvires o qua, qua, qua, ou um uivo, não tem duvida é do mulato ou bipede que se alimenta nas imundices da civilisação.

Ja alguem havia dito, que quando lia a «Epoca» e deparava com alguma correspondencia daqui o Jeromenha parecia-lhe ver um porco imundo que vae tocando superficialmente em diversos lugares as flores de um formoso jardim. Isto, meu caro Luisinho, não é mais parença, é realidade.

Esse desmiolado diffamador, empanurrado, enfardado com meia duzia de pilherias desbragadas sabio-se de novo

na «Epoca» n.º 390 e pode-se dizer que não ha nada mais chato e mais indigno de qualquer apreciação. O sabio move-se com gosto, o fôlo nem a pão, diz um dos proverbios judeus.

O apparecidense da «Epoca» não quiz ainda dar o brago a torcer, soltou, venci, largou os cabellos e a cabeça de homem, tomou cabeça de porco, tornou-se truão, estranhou o corpo como porco bravo, andou pelas Igrejas da nossa capital, fez-se coruja e até bucho! U! Mas qual. . . foi disfarce. . . o homem arde em furia: o peito voação, o coração dynamite por que tocou-se nesta pitoresca povoação, e de vento em poupa entrou o Ferrabraz em seus elementos, isto é, na descompostura velha, onde elle é triumpho, e. . . acha-se como hq-ma cascavel! Quem estiver com o charuto aceso passe ao longe, senão arre-benta a mina; cuidado! nem pizem na saliva, que é morte certa, rozalgar puro. Qual! mais ainda é agua tophana, é veneno que os romanos trasião debaixo da unha e capaz de matar o mundo inteiro! Deixemos, porem o mulato estendido no chão a fazer geitos, trejeitos, trocados, carrapetadas, sapateados, mas não con-segue levantar-se! Pobre pansa.

Zefonoti.

Em 27 de Fevereiro de 1886.

S. Julião, em Jaicós, 11 de março de 1886

Com vista ao exm. sr. presidente da provincia e ao inspector do thesouro.

Não tendo o collecter d'este municipio, não obstante ordens terminantes do mesmo thesouro, posto em hasta publica as propriedades aqui existentes, sob pretextos inconcassaveis; e existindo muitos pretendentes á arrematação d'estas mesmas propriedades, chamamós a attenção de s. exc. e do referido inspector para que providencie a execução das ordens anteriores, de modo que em breve sejam as propriedades postas em hasta publica, guardadas as formas legais para inteiro conhecimento de todos os pretendentes. Feito isto terá o thesouro grande somma de dinheiro, em recolhimento. As propriedades do thesouro estão abandonadas e em completa ruina; e quanto mais demora houver na arrematação; terão ellas de deminuir em preço, pelo motivo exposto.

Muitos pretendentes.

Faltam os pontos nos iii.

Os gallegos do Livramento serão todo quanto quizer esta meretriz que se chama epoca, porem, jamais serão ladrões, como Quixabeiros, Berjoes, Gaviões Vermelhos e a mais gallegada do peito da desbragada meretriz acima citada. Se quizerem est'amos promptos a por os pontos nos iii.

As joias do Celestino.

Março—86.

O deputado Aristarco

Brevemente os entendidos terão occasião asala de admirar este abortio da intelligencia e actividade.

O illustre representante do 3.º districto vae tomar parte nos trabalhos legislativos; e, financeiro de alto cothurno, com seus vastos planos de Pitt, com sua palavra autorizada e ardente, ha de infalivelmente salvar esta pobre provincia do abismo da banca rota em que está prestes a immergir-se.

Se é verdade que pelo dedo se distingue o gigante, como resa o anexam, quem enfrentar o notavel tribuno piconeiro, cujo nome encima estas linhas, ficará a prima facie conhecendo o que elle é e para quanto vale. Elle não di-

põe, infelizmente, de um dedo propheticamente igual ao do Campos, nem tem, como o Josino, o dom singular de, por entre caretas extravagantes, rir-se pela testa; mas, graças á sabia lei das compensações, possui (comparando mal) uns ternos e encantadores olhos de mocho, que deram chispas da mais arrebatadora eloquencia. Quem nos qualificar de exagerado pelo facto de estarmos rendendo justiça ao merito, dando o seu a seu dono, ha de pedir-nos perdão logo que, na proxima sessão da assembléa provincial, estude detidamente, despretenciosamente, as preclaras qualidades, os traços phisionomicos, a voz maviosa do deputado Aristarco, nascido, como o Coelho e o Josino, nas verdejantes margens do historico Guaribas. Confiamos que s. exc., longe de desmentir os nossos modestos conceitos, confirmal-os-ha por seus actos legislativos, que o elevarão no actual biennio, aos olhos de seus embacados committentes, um suro acima do sympathico sr. Selvino de Piracuruca, o homem da rodaque de pregas.

Promettemos tornar ao assumpto e apresentamos a s. exc. as zumbais do nosso respeito.

Oeiras, 17 de Março de 1886.

Ao publico.

Tendo sido a 8 do corrente roubado na fazenda «Sobrado» d'este termo, onde é vaqueiro e reside o tenente Antonio Lopes de Oliveira, na impossibilidade absoluta de indemnizar-me do prejuizo soffrido e discrente da punição do aulaz delinquente, limito-me a publicação mi-nuciosa, do facto deixando ao publico imparcial e sensato sua livre e criteriosa apreciação.

O criminoso se revelara então pela evidencia mais palpavel, e não deixará de soffrir a merecida execução, por sua indignidade e baixesa.

O estigma da opinião publica pois será minha unica vendicta.

E com esta fico satisfeito. Eis o facto.

Achando-me em cobranças das dividas que me restavam do negocio de fazendas, que anteriormente tive neste termo, demorei-me na fazenda «Sobrado,» onde permanceci por muitos dias.

Tinha negocio na circumvisinhança e o mesmo tenente Lopes, devia pagar-me seo debito, já antigo, de que não era possivel continuar no desembolço.

Na manhã do dia oito do corrente, porem, verifiquei ter sido roubado durante a noute na importancia de cerca de 350\$000 reis em dinheiro e dois contos de reis em lettras, contidas em um bahuzinho de flandré, que se achava dentro de um outro bahú commum, que conduzia roupa.

Este bahú estando ainda as 10 horas da noite quando adormeci no quarto, em que me achava e por debaixo dos punhos da rede em que dormi, foi encontrado pela menhá no terreiro da casa, entre esta e o curral com a fechadura arrancada e aberto, fallando-lhe o bahuzinho de flandré com todo o seu conteúdo já mencionado.

Immediatamedte levei o facto ao conhecimento do delegado de policia tenente Joaquim Vieira de Queiroz, que logo compareceu ao lugar do delicto e verificou a existencia do roubo, deixando porem do proceder-se á precisa busca na casa, em consequencia do copioso pranto a que abandonou-se o respectivo morador tenente Antonio Lopes de Oliveira.

O tenente Lopes estava inconsolavel e chorava que causava d'!

Do inquerito policial que réqueri porem, ficou perfeitamente provado que

na vespera do roubo, isto é, no dia 7 do corrente, tendo partido eu e todos os meos arrieiros para diversos lugares, aquelle bahú ficou em poder do tenente Lopes e seus famulos, d'esde as 4 até as 6 horas da tarde: que regressando eu ás 10 da noite bastante fatigado, tractei logo de deitar-me sem que reparasse para o mesmo bahú, que verificando o tenente Lopes ter eu adormecido, do interior da casa onde se achava, mandou apagar a luz de meo quarto, sendo esta aliás mi-nha; que do lugar em que se achava o bahú não podia ser retirado para fóra da casa pela porta que dava para o exterior visto que a réde em que dormia eu estava armada por cima da dita porta, que não podia por isso ser aberta sem que me erguessem, o que necessariamente despertar-me-hia, ao passo que para o interior da casa podia facilmente ser tirado dito bahú sem obstaculo de qualquer natureza: que o arrombamento os peritos só de dia ou com luz podia ser feito e portanto só teve lugar, ou na vespera durante a minha ausencia e de meos famulos, ou durante a noite no interior da casa, visto que fóra e junto a porta respectiva achavão-se 8 homens alugados meos e do tenente Lopes e finalmente, que achando-se o arrombamento do bahú comprovado pelo corpo de delicto e depoimento de sete testemunhas contestes, somente o tenente Antonio Lopes de Oliveira nega sua existencia, afirmando com toda a coragem que tal bahú nunca foi arrombado.

Em vista portanto da verdade exposta proferirá o publico o seo veredicto imparcial que, como fica dito, acceptarei por minha unica vendicta.

Barras, 22 de fevereiro de 1886.

Pedro Lopes de Alcantara.

NOTICIARIO

Abusos inqualificaveis.—Chamamos a attenção dos srs. presidente da provincia e administrador dos correios para os abusos que se têm dado na agencia do correio da Parnahyba, e esperamos que providenciem em ordem a não se reproduzirem.

Os nossos amigos d'ali e outras pessoas não têm garantias nas remessas e recolhimento de suas cartas. Não as podem confiar a uma agencia entregue a um caixeiro que tem a repartição no armazem de seu patrão, e o patrão? O sr. Felix Dias!

São repellidos os casos que dão lugar a esta reclamação que fazemos a s. exc. e ao sr. administrador dos correios, a hem do direito alheio e da moralidade publica. O segredo das cartas sempre foi uma cousa sagrada; a sua violação e subtracção constituem crimes tam graves, que não podem, não devem escapar á acção da justiça.

Onde já se viu collocada uma repartição publica, e repartição da ordem do correio, que deve inspirar a todos a maior confiança, no armazem de uma casa de commercio? O facto é extraordinario e até incredulavel, se outra fosse a situação e a provincia em que se houvesse dado. Entretanto, estamos no Piahy, e n'uma situação em que tudo é permitido fazer-se!

Para que não nos venha a «Epoca» dizer que declamamos, que accusamos, sem factos, & apresentamos por ora os seguintes.

É um homem de bem e honrado quem nos escreve da Parnahyba:

«Peçam providencias, reclamem sobre a agencia do correio d'aqui, cujo agente, alem de não merecer confiança pela interceptação das cartas alheias, entregando-as dois e tres dias depois da abertura da mal-aconteece que o patrão do agente o portuguez Felix Dias em cujo armazem se acha a agencia, o qual é intrigado com quasi todo o commercio, demora por sua conta a mesma correspondencia!

Diz-se influencia politica! jactando-se de que, embora s. exc. e o sr. administrador ordenem a retirada da agencia de seu armazem, ha de alli conservar-se porque quer! Isto di-lo para quem queira ouvir.

Aqui todos recebem pôr suas cartas no correio; e as praças do Maranhão e Ceará tem recommendado a seus correspondentes que não enviem suas cartas pela mala desta agencia. É uma desgraça!

Agora, mesmo, para enviarmos a corte alguns papeis de importancia, recorremos a vias particulares, padindo o intermedio do amigos para que registrassem no Ceará nossa correspondencia. Os proprios registros não estão izentos do exame e vistoria do tal agente! Veja o que um dia destes se deu com uma pobre mulher. Recebeu esta uma carta registrada de um filho que está no Pará. Com a ingenuidade de uma pobre mulher, não afeita a essas

esperanças, recebe a carta no correio, e não sabendo ler, leva-a para a casa e manda-a ler.

A pessoa a quem entregou-a, ao tentar abri-la, conheceu que não precisava mais ter este trabalho, e isso mesmo observou a tal mulher, que pensou não haver mais prejuizo.

Ao ouvir, porem, o conteúdo da carta, soube que lhe havia sido remetida dentro della pelo seu filho a quantia de 30\$000 reis.

Vae ler com o agente, dizendo-lhe que dita quantia não se achava dentro da carta, como seu filho accusava, e que a carta fóra recebida aberta; que, portanto, ia fazer-lhe sua reclamação.

Sabe qual foi a resposta? —Foi que não sabia disio, que a mulher levava a carta fechada; que era fóra de tempo sua reclamação! A pobre e infeliz mulher ficou, assim, sem os seus 30\$000 reis, que immensa falta lhe háo de fazer. Choroa sem remedio. Coitada! Como se o poleria narrar-lhe outros factos, de que me dispense, por já ir esta longa!

Realmente, são gravissimas as accusações que ficam formuladas, e que deixamos, sem maiores comentarios, á apreciação de s. exc. e do sr. administrador dos correios.

Confiar uma agencia de correios a homens nestas condicões, entregar os nossos segredos, a importancia de nossos negocios, a creaturas deste jaez, é escarnecer do bom senso, degradar o que há de mais sagrado.

Não deve haver nisto politica; convem que todos se inspirem e desansem na confiança de empregados taes. Pensem e resolvam os srs. Mezezes Prado, e coronel Francisco Mendes. O caso é serio.

Grande patota.—Recebemos da Parnahyba a seguinte carta que transcrevemos para a qual chamamos a attenção de s. exc.:

Corre que o Firmo, de accordo com o Brandão, preparam na Amarração uma grande patota. A vendanga da casa que servia de cadeia para a do Firmo, mistica a do Severiano, e do quartel para a casa da esquina pertencente ao Brandão, teve, segundo se diz, por fim: 1.º prejudicar o Severiano, e 2.º obrigar o presidente, a quem já se offendeu offerecendo-se taes casas, a compral-as.

Custei a crer que houvesse quem se lembrasse de tentar patota tam enorme e que, a realizar-se, será um dos maiores escandalos desta situação, já tam invejada, além de que trará immenso prejuizo ao servico publico.

A casa que se destinou para cadeia não só é velha, de pessima construção, feita de taipa, enchimentada de mangue podre, sendo tambem é baixa, imprensada entre outras, sem arejamento, nem compartimentos que sirvam para os presos.

Entretanto o delegado de policia, sem autorisação do presidente, como se diz, transferio o quartel e cadeia da casa onde desde 1878 se achavão, para aliás situada em local proprio, bastante arejado, com accommodações e compartimentos proprios, o 1.º para a dita casa da quinta, chamada «quartinho de hospedes», pertencente ao Brandão, e a 2.º a cadeia, para a casa do Firmo pedida a do Severiano, cujo cado a ampara.

É preciso que se saiba que a casa de quinta comprou-se ao Brandão por 100\$000 reis, podendo ter isto com ella, quando muito, outro tanto. A do Firmo, foi por este offerecida, ha pouco tempo, ao Severiano, por 250\$000 reis, não havendo até hoje quem a quizesse. Em melhores condicões achou-se a de Francisco Alves Meil, construida de tijollos, a qual vendeu por 300\$000 reis.

Não acredito que s. exc., estando bem informado das condicões d'aquellas casas, aprove o acto abusivo e escandaloso do delegado e crenos que concorra para a compra de taes casas que absolutamente não se podem prestar ao fim para que os patotoiros as querem destinar.

Tanto não se deve supportar de um governo a quem restem vislumbres de moralidade. Veremos.

Reunião de accionistas.—No dia 21 deste mez teve lugar a reunião de accionistas da companhia de navegação a vapor no rio Parnahyba, aim de prestar-se contas do semestre de julho a dezembro ultimo. Precedeu-se depois á eleição dos membros da directoria, da assembléa geral e commissão fiscal, o que deu em resultado o seguinte:

- Directoria. João da Cruz e Santos. José João dos Santos. Olegario Ortiz da Silva Rios. Domingos Rodrigues de Azevedo. Antonio Goncalves Pedreira Portellado. Assembléa geral. José Joaquim Avelino—presidente. João José de Oliveira Costa—1.º secretario. Francelino Fernandes Campos—2.º secretario. Commissão fiscal. João Mendes da Silva. José Raimundo de Souza. Gil Martins Gomes Ferreira.

Chegada.—Chegou ante-hontem de sua fazenda Alta-mira o nosso illustre amigo Marcos Pereira de Araújo, sexto-annista de medicina, que está em viagem para a corte do imperio, onde vai concluir o seu curso academico que com tanto brillantismo tem feito até hoje.

O distincto academico, durante o pequeno espaço de tempo que entre nós conviveu, confirmou sóbjamente o bom conceito de que goza em sua provincia natal, e que ha muito o torna recommendavel por todos que tem a fortuna de conhecê-lo.

Outra.—Acaba de chegar do Maranhão, onde foi a negocio, o nosso presado amigo capitão Saldoua Baumann, trazendo variado sortimento de fazendas e miudezas.

Saudamos ao nosso illustre amigo, deejando que houvesse feito feliz viagem.

O dr. Colla.—Temos o prazer de transcrever da Parnahyba a noticia infra sobre a chegada do nosso presado amigo dr. Augusto Colla no Maranhão, a 19 do corrente mez.

«Veiu hoje de Caxias o nosso illustre collega dr. Augusto Colla da Silva Rios, ex-redactor da Imprensa, do Piahy, que vem fixar residencia aqui nesta capital, onde pretende estabelecer-se na advocacia.

«No fóro do Piahy gozou sempre do mais elevado conceito por sua intelligencia e reconhecido critério.

«Está hospedado em casa do sr. Candido Cezar da Silva Rios.

«Comprimetamol-o.»

Em transitio.—No dia 21 do corrente chegou a esta cidade os nossos distinctos amigos dr. Firmo Soares da Silva e o tenente coronel Ludovico Francisco Soares, o primeiro achou-se gravemente acommettido de hen-beri, e o segundo veio em companhia deste. O illustre moço transportou-se no mesmo dia para S. José das Cajazeiras onde aguarda o vapor de 2 do vindouro, em que pretende seguir para a Ceará em busca do restabelecimento de sua precieza saúde.

«Desajunamos que alcançado esse almejado restabelecimento torne breve a provincia natal onde a sua familia e amigos o esperam com verdadeira ansiedade.

Estada.—Estiveram entre nós e já retiraram-se para sua residencia os nossos amigos capitães Joaquim da Silva Britto, Leocadio Antonio Pessoa, tenentes Theodoro Alves de Carvalho e Raimundo Norberto da Silva Pimentel.

Collectoria provincial.—Consta-nos que honrara reassumir o cargo de escrivão desta collectoria o sr. Ascenio Vespucio de Albuq. que havia 2 mezes se achava ausente da capital, sem licença. O sr. Ascenio quiz imitar o seu companheiro de repartição, o sr. Bronzolino de Araújo que esteve tambem ausente sem licença.

Não denunciamos taes abusos ao sr. Prado, que, alem de não ler este jornal, é surdo.

Iluminação.—Não houve iluminação publica de domingo para segunda feira. A das noites subsequentes tem sido quasi nulla, visto a falta de asseo nos candieiros. Mas o sr. fiscal da iluminação dorme o sono da indifferença.

Passamento.—No dia 20 do corrente falleceu repentinamente a exm.ª sr.ª d. Anna Leonora Ferreira da Silva. Pertencente a uma das familias mais illustres desta provincia, a veneranda senhora deixou uma numerosa descendencia que a pranteia na mais profunda afflicção.

A seus filhos, irmãos e genros apresentamos nossas sinceras condolencias, particularmente aos nossos dignos amigos coronel Jejunio Luiz da Silva Moura, tenente José Luiz da Silva Moura e Soter José da Silva Conrado.

ANNUNCIOS

Ao commercio.

Os abaixo assignados declaram que em 10 do corrente mez dissolveram de commum accordo a sociedade que n'esta praça girava sob a firma de—José Luiz da Silva & C.—cujo activo e passivo, por traspasse; passaram ao sr. Fernando Alves de Carvalho Junior.

- Parnahyba, 23 de fevereiro de 1886. Luiz Antonio de Moraes Correia. Antonio do Monte Furtado. P. P. de José Luiz da Silva. Benedicto da Costa Fernandes.

Pillulas do Dr. Cruz.

PARA CURA DE FEBRES INTERMITTENTES (sezões)

Preparadas unicamente pelo Pharmaceutico José Pereira Lopes, ex-chimico analyta da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Vendem-se na Pharmacia Imperial de Engenio Marques de Hollanda e em casa do preparador.

1 Caixa 2\$000 Duzia de caixas. 20\$000

JAPECANGA.

Depurativa por excellencia, preparado de Anthistes Avellino para cura de moléstias escrophulosas, rheumaticas e da pelle, na amenorrhoea ou falta de menstruação, flores brancas e outros fluxos, seja qual for a sua natureza.

Este excellente preparado, agradabilissimo ao paladar, e de infallivel efficacia, como provam os innumeros casos de cura que ha produzido, encontra-se á venda na casa commercial de Raymundo Gomes de Souza & Comp.ª

Preço de cada garrafa. 3\$000 Theresina 1886. impr. por Joaquim F.O. Costa